



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 28 | Jan./Jun. de 2023

Francisco Wagner Santana Filgueiras

Universidade Federal do Cariri / UFCA.

wagner.santana@aluno.ufca.edu.br

Priscilla Régis Cunha de Queiroz

Universidade Federal do Cariri / UFCA.

priscilla.queiroz@ufca.edu.br

Karine de Araújo Monteiro

Universidade Federal do Cariri / UFCA.

karine.araujo@aluno.ufca.edu.br

Raniele Lima Dos Santos

Universidade Federal do Cariri / UFCA.

raniele.lima@aluno.ufca.edu.br

CULTURA E GESTÃO DA MEMÓRIA SOCIAL: Abordagem prática no Quilombo Mulatos/CE.

RESUMO

Este artigo resulta de um projeto que coletou entrevistas de história oral, em 2022, com moradores da comunidade quilombola na cidade de Jardim-CE. Os depoimentos, gravados em áudio e transcritos, compilaram narrativas de integrantes do Quilombo Mulatos, subsidiando a prática da gestão da memória social. Em uma abordagem qualitativa, realizou levantamento bibliográfico e documental, além de entrevistas que demonstraram a importância do registro histórico da tradição oral.

Palavras-Chave: História oral; Comunidades Quilombolas; Tradição Oral.

ABSTRACT

This article is the result of a project that collected oral history interviews in 2022 with residents of the quilombola community in the city of Jardim-CE. The recorded and transcribed testimonies compiled narratives from members of the Quilombo Mulatos, supporting the practice of social memory management. Using a qualitative approach, the project conducted bibliographic and documentary research, as well as interviews, which demonstrated the importance of historical record-keeping of oral tradition.

Keywords: Oral history; Quilombola communities; Oral tradition.

Introdução

Em 2022, com o objetivo de promover a curricularização da cultura, a Universidade Federal do Cariri (UFCA), por meio das ações da Pró-Reitoria de Cultura (Procult), lançou um edital para fomentar atividades de cultura promovidas por seus discentes e docentes. A partir do escopo do edital, que privilegiava a relação entre as mais diversas áreas do conhecimento e a cultura da Região do Cariri cearense, submetemos uma proposta de atividade que versava sobre cultura, memória e identidade; assim nasceu o projeto de cultura “Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas, tradição oral, memória e patrimônio cultural”.¹

As ideias para a efetivação do Projeto Quilombo Mulatos foram gestadas no percurso da disciplina Cultura e Gestão da Memória Social, ofertada como componente curricular optativo do curso de Administração Pública e Gestão Social da UFCA. Nessa oportunidade, debatemos gestão da memória social e oralidade, tópicos que deram base aos trabalhos e discussões que fizeram surgir o Projeto Quilombo Mulatos. No projeto, a equipe formada por alunos dos cursos de graduação em Administração Pública e Biblioteconomia, coordenados pela Profa. Priscilla Queiroz, focaram nas possibilidades de registro das memórias dos moradores da comunidade da Serra Boca, no município de Jardim-CE, para construção de um acervo sobre comunidades quilombolas na Região do Cariri. Nesse percurso, construímos a iniciativa para mapear a memória de expressões materiais e imateriais da cultura quilombola local e, com o tempo, firmamos a utilização da História Oral junto aos discentes participantes do projeto, demonstrando o valor do uso dessa metodologia para promoção de uma formação acadêmica interdisciplinar, cidadã e atuante na transformação da sociedade.

Por meio das atividades no âmbito do projeto Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas, tradição oral, memória e patrimônio cultural, busca-se registrar memórias para construir um acervo sobre a História e o patrimônio cultural quilombola na Região do Cariri. Seus objetivos específicos são: registrar narrativas e tradições de integrantes do Quilombo Mulatos da Serra Boca, em Jardins; problematizar as memórias individuais e coletivas para compreender a amplitude da experiência social do quilombo na Região; contribuir no combate ao racismo e na promoção de políticas

¹ Agradecemos o apoio da Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri para a realização do “Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas, tradição oral, memória e patrimônio cultural”.

de ações afirmativas; disponibilizar um acervo memorial à comunidade local e científica; oportunizar aprendizado multidisciplinar aos integrantes do projeto.

De acordo com informações obtidas pela Secretaria de Proteção Social, Justiça, Mulheres e Direitos Humanos do Ceará, no ano de 2020, foram identificadas 80 comunidades quilombolas no estado, das quais 54 receberam certificação da Fundação Cultural Palmares (FCP). A mais recente comunidade a receber a certificação foi a Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ) Serra dos Mulatos, localizada na cidade de Jardim/CE, que recebeu a equipe do Projeto de Cultura. Lá, para compreender a amplitude da experiência social do Quilombo, registramos narrativas e histórias contadas pelos moradores mais antigos da comunidade.

A oralidade é componente fundamental da cultura das comunidades quilombolas brasileiras. Por meio da tradição oral, essas comunidades transmitem conhecimentos e preservam sua história e identidade. Através das histórias contadas pelos mais velhos, por exemplo, os jovens aprendem sobre a vida no quilombo, os rituais e as lutas travadas pelos seus antepassados. Além disso, se manifesta na música, na dança e em outras formas de expressão artística presentes nessas comunidades. O projeto Quilombo Mulatos busca apoiar as iniciativas da comunidade para garantir o direito à memória e a problematização da concepção de patrimônio cultural, tratando dos desafios das organizações da sociedade civil na gestão da memória coletiva. Entendemos que as Universidades brasileiras devem tomar parte das ações em prol da gestão da memória social buscando a aproximação com grupos, organizações públicas e privadas e pessoas interessadas na valorização da memória e da História dessas comunidades.

Quilombo Mulatos

Conforme relatos de suas lideranças mais antigas, a origem do Quilombo Mulatos remonta à chegada de José dos Santos, escravo fugido de engenho do Pernambuco. Segundo José Márcio da Silva, historiador, em sua obra *Cidade de Jardim: história ilustrada*, em 1883, em Jardim, havia entre os escravos na zona rural: homens, 137. Mulheres, 98. Na zona urbana: homens, 9. Mulheres, 89. Sem profissão específica: homens, 99. Total 526” (SILVA, 2019, p. 77). Com a libertação dos escravos do Ceará, em 1884, boa parte dos libertos migraram para o campo, ocupando terras próximas de nascentes, também chamadas de “Bebidas”.

Segundo Silva (2019, p. 17), a nascente mais importante e conhecida no município é a Boca da Mata, localizada no alto da serra que leva o mesmo nome, cujo sopé é conhecido, desde antigamente, como “cabeça do nego”. Foi ali que José dos Santos fixou moradia após sua fuga, encontrando nas redondezas, por sinal, descendentes dos índios Xocós que, “estiveram presentes no processo de deslocamento indígena pelo semiárido das capitanias do Norte [...] configurados como Tapuias da nação Kariri”.

Os habitantes serra adentro foram descendentes de José dos Santos e, devido à miscigenação com pessoas de origem indígena e de outras localidades próximas, foram denominados pelos residentes locais como "mulatos", originando o nome da comunidade atual, conhecida como Serra dos Mulatos. É notável que o termo pejorativo se tornou um motivo de orgulho para aqueles que valorizam a preservação de sua história de resiliência e tradição.

A Serra dos Mulatos é uma Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ) que recentemente obteve certificação da Fundação Cultural Palmares (FCP) como uma área quilombola autodeclarada, publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 15 de junho de 2021. A comunidade, que luta pelos seus direitos e territórios, estabeleceu uma organização política e fundou a Associação Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos (ARQSM) em 19 de dezembro de 2020.

De acordo com o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, em seu segundo artigo, os remanescentes das comunidades quilombolas são grupos étnico-raciais que se autodefine com base em critérios próprios, têm uma trajetória histórica específica e relações territoriais distintas, além de uma suposta ancestralidade negra associada à resistência contra a opressão histórica (BRASIL, 2003). A ideia de quilombo implica na existência de herança cultural, incluindo todas as suas dimensões, como parte do patrimônio de uma comunidade.

Antes da criação da ARQSM, a Serra dos Mulatos teve um contato significativo com outras realidades apenas em 2011, quando foi mapeada pelo Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC) e pela Cáritas Diocesana de Crato. Nessa ocasião, equipes técnicas visitaram a CRQ e produziram um relatório situacional que apontou diversas questões urgentes em múltiplas dimensões, incluindo a falta de valorização da sociedade em relação à cultura e herança desses grupos (GRUNEC; CÁRITAS DIOCESANA DE CRATO, 2011, p. 11).

De acordo com um Diagnóstico produzido pela ARQSM em 2021, a Serra Boca da Mata abrange uma área onde residem 283 famílias, dentre as quais 86 já se autodeclararam como remanescentes de quilombo. O diagnóstico, elaborado ao longo de seis meses, revelou diversos problemas relacionados à saúde, educação, trabalho, renda, infraestrutura, cultura e política. A própria comunidade identificou os fatores determinantes para cada situação, destacando a falta de conhecimento técnico e de apoio especializado na luta pelos direitos, combate ao racismo e preservação e revitalização da cultura e tradição local (ARQSM, 2021, p. 25).

A comunidade local possui uma escola que oferece educação até o Ensino Fundamental II, porém, para continuar seus estudos, os moradores precisam se deslocar cerca de 6 km até a cidade de Jardim-CE. Muitos jovens entre 15 e 18 anos de idade não conseguem frequentar a escola devido a dificuldades de locomoção e falta de condições financeiras. Além disso, há pais de família que interromperam seus estudos no passado devido ao trabalho na lavoura, dos quais poucos concluíram a 3ª série (4º ano), e os que concluíram abandonaram a escola devido às mesmas dificuldades mencionadas (ARQSM, 2021, p. 19)

Professores da sede de Jardim ou de outras cidades como Crato e Juazeiro do Norte, são trazidos para ensinar às crianças, em vez de priorizar os profissionais formados residentes na comunidade local, conforme relatado pela ARQSM (2021, p. 20). A cultura local não é abordada no currículo escolar, em desacordo com a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em instituições de ensino fundamental e médio, públicas e privadas, em todo o país (BRASIL, 1996).

Este cenário vai de encontro também à Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012, do Conselho Nacional de Educação (CNE) que estabelece, em seu Art. 1º [...], § 1º que “A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando se, informando se e alimentando se: a) da memória coletiva [...]; d) das práticas culturais [...]; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade” (CNE, 2012).

É importante ressaltar que a comunidade não tem permissão para utilizar as instalações escolares para atividades e serviços de extensão, como a internet para pesquisas científicas ou ferramentas tecnológicas da escola. Esses recursos só estão

disponíveis no centro da cidade, o que resulta em custos extras de transporte e serviços para as pessoas da comunidade, mesmo que a escola tenha recebido recursos de programas como Mais Educação e Mais Alfabetização para uso na comunidade (ARQSM, 2021, p. 20).

Nesse contexto, observam-se vários obstáculos ao processo de reconhecimento, registro, compêndio e publicidade das tradições orais, das histórias, das expressões culturais, artísticas e intelectuais do Quilombo, que segue silenciado, marginalizado e até, por vezes, perseguido pelo poder público e pela sociedade de modo geral. Romper este silenciamento se faz imperioso e, a construção de um acervo da sua memória social pode representar um passo importante nesse sentido, salvaguardando patrimônios imateriais contidos na fala de cada quilombola.

Quando alguém compartilha uma história, isso pode trazer à tona saberes antigos que se conectam com o presente, construindo uma memória coletiva que vai além do indivíduo que está falando. Essa memória social é composta por lembranças do passado que são trazidas para o momento presente. Dessa forma, as narrativas são elaboradas e re-elaboradas em função de relações tecidas no tempo presente (MATTOS, 2006, p. 109).

Os quilombolas espalhados por todo o território nacional são provas vivas de três séculos da história nacional em que a escravidão era o sistema vigente e os negros eram açoitados. Mas são, principalmente, provas vivas de que resistiram e preservaram sua raça, sua cultura, sua cor e suas memórias. O Quilombo Mulatos guarda imensa parcela da História do Cariri, à medida em que “a luta do negro que se fez camponês demanda a compreensão de um tempo de existência, que diz respeito ao presente [...] mas diz respeito também ao seu passado, à sua origem que nos é contada por fragmentos. Fragmentos prenhes de vida, repletos de histórias, partes integrantes da memória e tradição” (GUSMÃO, 2001, p. 338). Cooperar para a preservação dessa memória é também defender esse patrimônio cultural nacional resguardado na Constituição que em seu artigo 216 define como Patrimônio Cultural Brasileiro “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Gestão da memória social na prática: métodos e resultados

Desenvolvida desde a década de 1950, e redimensionada pelas novas questões e tecnologias do século XIX, a história oral enquanto metodologia e produção de fontes se mostra também como importante ferramenta de ensino. Seu uso em disciplinas e atividades voltadas para discentes dos cursos de Administração Pública e Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri se mostrou promissor, sobretudo quando conectamos a história oral aos desafios da gestão da memória social e a formação de acervos de narrativas orais e audiovisuais.

Pela oralidade observamos a dinâmica das culturas, o entrecruzamento de experiências e os trabalhos da memória. Enredando passado, presente e futuro, a tradição oral se impõe diante do debate público contra o racismo e todas as formas de discriminação, mas também sobre as disputas entorno das políticas públicas culturais. Nesse movimento, projetos como Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas, tradição oral, memória e patrimônio cultural, desenvolvidos a partir da metodologia da história oral, se impõem como instrumental catalisador da estruturação de demandas sociais e resistências cotidianas.

Os trabalhos do projeto de cultura Quilombo Mulatos são marcados pela possibilidade de dialogar efetivamente com a comunidade Mulatos, em Jardim - CE. A ideia do projeto de cultura é realizar entrevistas em áudio, transcrevê-las, incluir fotografias dos depoentes, endereçar os registros às famílias que participaram das entrevistas, à associação dos moradores do Quilombo, que neste momento está construindo um museu comunitário e aos pesquisadores e pesquisadoras interessados na experiência quilombola no Cariri cearense, provavelmente por meio de plataforma digital. Dessa maneira, procuramos contribuir para a consolidação de acervos familiares, pesquisas interdisciplinares e exposições virtuais e/ou físicas organizadas dentro e fora da comunidade.

Após busca ativa, foram selecionados 5 (cinco) sujeitos, no universo estudado, mediante critério de idade, além dos seguintes: condição de saúde que permita conceder entrevista sem comprometimento físico, proximidade parental com o fundador do quilombo, histórico de participação como liderança e, principalmente, recomendação dos demais integrantes do quilombo como notável portador de sabedoria e conhecimento da história local. As entrevistas focam principalmente na experiência do entrevistado como parte da comunidade quilombola, enquanto as entrevistas de história de vida buscam o próprio indivíduo e sua trajetória, abrangendo

desde a infância até o momento presente, contemplando eventos, circunstâncias e assuntos dos quais ele participou ou se interessou. Ambas foram utilizadas como ferramentas de coleta no decorrer da pesquisa. As mesmas foram registradas por meio de gravação de áudio e transcritas para análise posterior.

As entrevistas foram agendadas previamente, por meio de ligações telefônicas, em dias e horários estabelecidos pelos entrevistados, ocorrendo entre o dia 25 e 30 de setembro de 2022. Foram gravadas e transcritas segundo a autorização dos mesmos, cuja caracterização segue em tabela.

Tabela 1: Caracterização dos entrevistados

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEXO	PROFISSÃO
Luiz Otávio dos Santos	63 anos	Masculino	Agricultor
Dona Ló	91 anos	Feminino	Dona de casa
Luiz Cipriano do Nascimento	73 anos	Masculino	Agricultor
Maria Alzira (Delzuite)	88 anos	Feminino	Dona de casa
Janildo Soares dos Santos	21 anos	Masculino	Pedagogo

Fonte: Elaboração própria

As entrevistas foram livres, na forma de diálogo, em que os pesquisadores instigavam os entrevistados a narrarem fatos, descreverem sentimentos e percepções e ainda, opinarem sobre situações do passado e do presente, tecendo uma história que, “ao valer-se da memória, estabelece vínculos com a identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins” (MEIHY; HOLANA, 2014, p. 14).

O primeiro entrevistado, Luiz Otávio dos Santos, fez relatos de sua infância, registrando dificuldades alimentares, de acesso, financeiras e as ainda presentes dificuldades de saneamento e abastecimento de água nas casas. No entanto, relata a abundância de água da nascente Boca da Mata, que hoje é canalizada para abastecer o município, dando sinais de que, já naquela época, a comunidade recebia visitas dos moradores de Jardim para aproveitar a nascente, seja por lazer, seja para lavar roupas, conforme relato que segue:

A água, quando nós chegava lá, era como se fosse nossa, lá nós chegava, só não demorava muito tempo, porque é como se diz, tinha nós, mas chegava mais aí, cada um dá uma vez para cada um, também no Jardim mesmo, não

tinha. Eu acho que não tinha água, era pouca. As mulheres do Jardim subiam para a Boca da Mata para lavar roupa também. Era muita água nessa época (Luiz Otávio dos Santos).

Em outro momento, relatou como se davam as renovações, festas religiosas de cada lar católico que recebiam visitas da comunidade e também da cidade, dando mais um elemento de já haver, naquele período, reconhecimento da existência da comunidade e das suas tradições.

Tinha, na minha juventude, e hoje acabou isso, o que nós se reunia todos era em festa de renovação [...], se chama renovação do Coração de Jesus, todos faziam aqui, vamos supor a minha avó era a primeira, Antônia Moreira, né a renovação do Santo de Antônia Moreira, Antônia Mulato era conhecida no Jardim todo. Sim, porque todo mundo vinha, acho que era mais velha, né. Então tinha de lá, na casa do meu pai tinha, na casa de Zé Mulato tinha, na casa de João Mulato tinha, na casa de Luiz Mulato tinha, na casa de Maria Mulato tinha e realmente em muitas outras casas, naquele tempo antigo era assim [...] É assim, o dia da renovação eles gostavam de contratar um zabumbeiro, nera, era o dia da renovação, aquele dia da renovação almoçava todo mundo junto que chegasse, jantava todo mundo junto, rezava todo mundo junto, na hora da reza, e era aquela animação toda (Luiz Otávio dos Santos).

A *renovação do santo*, por vezes chamada *consagração da imagem do Sagrado Coração de Jesus*, é uma celebração realizada no seio familiar, geralmente aberta a outros membros da comunidade. A devoção remonta às práticas reproduzidas em mosteiros na França, entre os séculos XII e XIII se disseminou por toda a Europa. No Brasil, a renovação chegou por intermédio dos Jesuítas, mais largamente realizada em diversas comunidades com a ampliação do alcance do processo de romanização da Igreja Católica. (FIGUEIREDO, 2002, p. 132)

Segundo Figueiredo,

Este processo de reforma no interior do catolicismo tem início no pontificado de Pio IX (1846-1878) e se estende até a Primeira Guerra. Várias devoções vão ser estimuladas pela Igreja, visando afastar os 'cultos inferiores' das chamadas 'classes subalternas' e implementar o espírito da cristandade em bases mais elevadas. (FIGUEIREDO, 2002, p. 132)

No Nordeste brasileiro, a partir da ação de companhias religiosas, a igreja implementou a veneração do símbolo maior do catolicismo, agindo para a "purificação" da vivência religiosa católica, combatendo práticas costumeiras consideradas "superstições populares", conformando o culto católico aos termos do modelo romano.

No Cariri cearense, Padre Cícero inspirou a criação do Apostolado da Oração, em 1888, instigando a entronização da imagem do Sagrado Coração de Jesus anualmente, com prática coletiva e comunitária. A partir dessa prática, “renovam-se as esperanças no futuro da família, renovam-se os laços entre os vivos e os mortos”. (FIGUEIREDO, 2002, p. 133) Com as *renovações*, práticas sociais comunitárias consolidam experiências e redes de solidariedade, sustentando valores e memórias da comunidade.

Durante os trabalhos da equipe na comunidade, foi possível desenvolver uma relação de proximidade e confiança para compor os temas abordados nas entrevistas e, principalmente, incorporar aos registros relatos sobre as questões que são enfrentadas hoje pela comunidade. Nesse contexto, os debates sobre a herança negra ganham destaque nas falas dos entrevistados.

Quando perguntado sobre sua identidade como quilombola, o senhor Luiz Otávio faz breve relato da origem de sua família e da comunidade, por ser neto daquele que consideram fundador, tal como narrado pelos historiadores locais.

E, no caso do meu bisavô se chamava José dos Santos né, ele morreu novo não sei como, não sei se foi morte mesmo, morte matada naquele tempo a gente nem tem como saber, mas ele veio fugido [...] Então ele ficou aí por aí nesses pé de serra escondido até que começou a se aparecer uns homens do plantio ai, começou a trabalhar, então casou, teve filho, na verdade acho que bem cinco né, dos que eu conheço, dos que eu conheci poderia ter mais, mas eu não sei, então ficou por aí, quando ele morreu deve ter sido muito novo porque o meu avô era o mais velho e era solteiro na época, Antônio Mulato que se chamava, Antônio José dos Santos era Antônio Mulato, e foi quando eles resolveram talvez saindo ali do pé da serra e vir pra cima da serra, aí a gente não sabia dessa história de onde tinha vindo aí descobriram que ele veio fugido [...] ele fugia da escravidão e na verdade era isso, aí foi quando foi descoberto que nós somos sangue quilombola né. Aí muitos acham ruim, muitos diz coisa, “Há, porque rapaz é apelido de mais, vem numa história de mulato, ninguém num é mulato, aí vem agora essa história de quilombola, de onde que vem tanta coisa, de onde é que vem tanta coisa?”, rapaz o que eu sou, eu sou é pronto né, se eu for quilombola, é quilombola! Se eu for mulato, é mulato! Eu sei que eu sou, sou um ser vivo! (Luiz Otávio dos Santos)

A palavras de Seu Luiz trazem vestígios da História da escravidão e da herança negra no Ceará. Por meio de seu depoimento, somos convidados a participar desse processo de descoberta que aponta para a questão da identidade quilombola. Nesse percurso, questões em torno do processo de reconhecimento da herança quilombola foram aprofundadas nas entrevistas. Perguntado se ele considerava esta expressão quilombola uma forma adequada de caracterizá-lo, ele respondeu:

É! Porque isso eu ouvia desde pequeno por maltrato de algumas pessoas, mas eu nunca nem liguei, um monte de vez eu ouvia mesmo pequeno "você são uns nego cativo", eu não entendia o que era, mas eu ouvia essas piadinha, depois já casado eu também ouvia essas piadinha, mas por gente até mais próxima da família né, mas eu nunca botei na cabeça, nem nunca liguei não, dizer que eu sou, o que for eu quero ser o que eu sou mesmo né? Pronto! Se eu sou quilombola, quem quer ser? Quem quer ter uma família que foi maltratada, né? Mas se a minha família lá foi maltratada, foi, e eu não posso fugir, né? Acho isso! [...]. Depois dessa descoberta nós já tivemos muitas vitórias (Luiz Otávio dos Santos)

No escopo do projeto, para acessar o tema da herança negra na comunidade se fez necessário primeiramente abordar as memórias individuais. Em seguida, construímos elos entre os diversos depoimentos para, dessa maneira, perceber as teias da memória coletiva. Partindo dessa prática, desejamos prosseguir com os trabalhos de pesquisa, construindo registros e acervos sobre a comunidade Mulatos, bem como sobre a experiência quilombola na Região do Cariri cearense.

Sobre a importância do registro da História quilombola, o senhor Luiz Otávio respondeu:

É importante, porque se nós somos não é problema nenhum e eu acho que seria importante [...] é que nem eu digo, eu falei pra mãe da menina que ficou muito preocupada: "minha filha não adianta nós se aperrear e nem ficar preocupado porque se registrar, nós somos quilombola, se não registrar, nós somos quilombola! O que que adianta, pode ser que venha mais alguma coisa, pode ser que não venha nada, mas o importante é a gente ser o que é e não querer ser outra coisa né? Eu acho importante! (Luiz Otávio dos Santos).

Na fala do depoente, percebemos que houve algum estranhamento acerca desse passado ligado à escravidão, além de ressalvas sobre o desdobramento dessa questão no presente. Mas, a conclusão é certa: "nós somos quilombolas!". Ao longo dos trabalhos na comunidade, observamos que são muitas as iniciativas de investigação e as reflexões relacionadas à origem, às práticas culturais, à percepção individual da identidade quilombola e à estrutura organizacional comunitária. Por meio de sua Associação, a comunidade Quilombo Mulatos tem tratado objetivamente com a identidade negra e quilombola para organizar elementos culturais e demandas sociais. Além disso, iniciativas como a criação de um museu comunitário e os esforços para reavivar antigas práticas como, por exemplo, as *renovações* do Sagrado Coração

de Jesus, demonstram o crescente processo coletivo de valorização e preservação dessas heranças históricas e culturais.

A segunda entrevista foi realizada com Mãe Ló, uma senhora muito conhecida por todos. Mãe Ló contou detalhes sobre a chegada de sua família à região. Perguntada se seus pais sempre moraram na comunidade, respondeu:

Eles nasceram e se criaram aqui, agora nosso avô é de longe por parte de mãe, mas meu pai, minha mãe, o pai de mãe são daqui e o avô de mãe por parte de pai, o bisavô de mãe veio de longe [...] gostaram e ficaram morando aí encheu de gente da família [...] eles moravam - meu Deus, esqueci o nome do meu pai! - eles eram índios! Eles fugiram! Meu avô e minha avó fugiram [...] Aí eles foram, tava cheio de gente, aí botaram neles, aí eles correram, aí eles correram tudim pequeno, aí bastiaram na serra da mata aí, na mata verde, bastiaram, aí eles andaram, andaram passaram comendo muita coisa pelo mundo, todo bicho comia pelo mundo, aí houve um dia que viram o casal, pai e mãe aí meu avô e minha avó, aí deram notícia, disse "é índio vamos pegar ele, vamos pegar ele dessa vez", eles dois se sumiram que ninguém sabe onde entrou, aí botaram os cachorros atrás, os cachorros foram danado, teve um que ainda foi em cima mas não pegou, parecia que eles fazia era voar [...] Meu avô Nonato é daqui mesmo. Mas meu marido e o pai do meu marido, Antônio mulato, foi dessa região (Mãe Ló)

Mãe Ló contou ainda outras histórias sobre sua juventude, que trabalhou vendendo nas feiras e nos comércios por mais de 28 anos. Essa ocupação era muito comum entre as famílias moradoras da comunidade Mulatos, as idas periódicas até o centro do município de Milagres garantir o sustento da família e o escoamento da produção de gêneros realizada na Serra Boca. A respeito de tudo que viveu, Mãe Ló sentenciou: "O que estou dizendo aqui pra senhora e senhores, é passado né, coisa antiga e passada", mas quando perguntada se era bom falar sobre essas histórias e preservá-las, fez sinal que sim, encerrando sua fala.

A terceira entrevista foi com o Sr. Luiz Cipriano do Nascimento, que fez breve resumo de sua vida quando mais novo, trabalhando com carvão e de como caçavam para comer ou tiravam mel para vender. Quando perguntado sobre qual a vantagem de ser quilombola, respondeu:

É por causa do passado, né, porque o povo tem a história de quem vive de passado é museu, mas nós têm que, assim pra quem reconhece o passado quer reconhecer o passado né, tem que vim, de modo que assim, eu sou idoso, mais vocês são jovens, aí quer dizer que se eu contar uma história minha a vocês do meu passado aí vão ficar sabendo do passado, é o caso que eu estou falando, nós tem que saber do passado [...] é porque a gente sabe contar alguma coisa, a gente do passado sabe contar coisa boa, sabe

contar coisa do passado ruim da gente, o que eu passei que eu falei agora a pouco da ancã d'água (Luiz Cipriano do Nascimento).

O senhor Luiz Cipriano faz questão de valorizar sua experiência tecendo elementos de pertencimentos baseados nas memórias de família e em antigas histórias compartilhadas pela comunidade. Em meio a isso, lembrou como as pessoas de fora enxergavam os moradores da comunidade após o reconhecimento como quilombolas. Enfatizou que “lá no Jardim mesmo pelo menos eles são contra”. Perguntado sobre a causa dessa negação, ele explicou:

É porque hoje, há muitas coisas que existem pra nós aqui (que) num tá vindo mais por vontade deles. Quando a gente precisava de uma coisa, era obrigado a ir lá pedir pro prefeito, pedir para vereador aí acho que por causa dessa parte aí que não tá mais se envolvendo com ele, aí fica assim por fora, eu acredito que seja isso aí [...] E, uma senhora lá no jardim procurou disse “ei você é de onde?”, “sou da serra boca da mata”, “o senhor é quilombola?” aí eu disse “com muito orgulho” aí ela disse “mais o que é que tem esse negócio de quilombo?” Aí eu disse “dona é o seguinte, o que a gente nunca comeu quando vai comer pela primeira vez, e gosta, ele consegue comer” aí ela foi e disse “a isso aí não é comigo não” aí disse muito bem, se a senhora não tem eu vou fazer o que? (Luiz Cipriano do Nascimento).

Desta fala, observa-se a convicção de que aquela identidade quilombola lhe é dada pela sua condição histórica, legado de sua família, algo que aquela senhora da cidade que o questionou não tem, nem poderia ter, o que explica também o fato de ela não ter compreendido a resposta que lhe foi dada na ocasião. Ele, com suas palavras, deixou claro que, quando assumiu sua identidade, passou a ter acesso a coisas que antes ele não enxergava como suas.

A quarta entrevista aconteceu com a Sra. Maria Alzira, conhecida por Delzuite, que se iniciou de forma descontraída. Dona Delzuite contou como eram as festas, as danças e as viagens que ela fazia para as cidades vizinhas se divertir. Também foi permeada de fatos tristes e dificuldades da infância. Quando perguntada sobre as lembranças que tinha e a importância de passar adiante as histórias e os conhecimentos, ela relatou que sempre gostou de ouvir seus pais e avós conversando.

É que a gente vai se esquecendo das coisas, mas quando ele falava pra mim eu ficava só escutando tudo que ele falava, tudo que minha avó falava eu ficava escutando. Um bucado de coisa eu lembro, mas um bucado de coisa já está saindo do meu juízo, mas ainda me lembro do ano que ele disse que subiu para serra pra deixar de trabalhar pros homens, de ser escravo pros homens no pé da serra, quando ele subiu no pé da serra não morava ninguém

ninguém ninguém ninguém ninguém nessa serra todinha, não morava ninguém [...] eu escutava e gravava tudinho no meu juízo aquelas conversas que ele contava a história da minha mãe que a avó dela foi, que a avó dela foi pegar água a dente de cachorro no mato, era cabocla braba, era índia do mato (Maria Alzira).

Dona Alzira mostrou-se animada ao relatar suas histórias quando jovem, das aventuras na mata, dos sambas, das renovações, todos esses elementos que marcaram, para ela, a vida na comunidade. Perguntada se gostava de falar sobre o passado, respondeu:

é, dou valor sempre ao passado [...] O povo tem o dizer que é crente que os passados fique lá pra trás, é pra seguir pra frente não pra traz nem se lembrar de nada lá pra trás não, mas não tem jeito de não me lembrar, que eu entrei pros crentes também (ela faz uma referência às orientações de sua religião atual sobre esquecer práticas consideradas erradas por sua igreja), mas não tem jeito pra não me lembrar não, daqui acolá eu me lembro (Maria Alzira).

Sobre o trabalho da associação para o reconhecimento da comunidade como quilombola, disse: “tá bom num tá? Eu ouvi falar que tá bom essa associação ali pra baixo que já tá que já tá lá pra baixo, já tá nessa casa mais pra baixo né, enquanto endireita parece que tão trabalhando aí já [...] eu acho bom!” (Maria Alzira). Por fim, Dona Alzira agradeceu o trabalho que a equipe do projeto de cultura estava realizando, considerando que era “importante e que eram todos sempre bem-vindos”.

A quinta entrevista foi realizada com o Sr. Janildo Soares do Nascimento, que iniciou sua fala fazendo breve resumo da história que ele conhece da comunidade:

Pelos relatos né de que a gente ouviu falar e pelas histórias que a gente resgatou, e a gente sabe que quando eles chegaram aqui, não tinha habitação, tudo verde, tudo mata, só que antes deles vim para cá eles formaram família no pé de serra aqui no sítio cabeça do nego, iniciou-se lá, quando José dos Santos né, ele foi fugido de uma senzala no Pernambuco, o que a gente sabe dele, que ele fugiu do Pernambuco e formou-se a família no pé de serra, só que daí eles subiram pra cá né, quando chegaram aqui tava tudo desocupado e achou um meio para formar sua família né e também de se esconder das perseguições (Janildo Soares do Nascimento).

Janildo continuou seu relato enfatizando as dificuldades que teve quando mais novo, revelando a permanência de muitos dos antigos problemas já enfrentados pelas gerações mais antigas da comunidade. Para ele, apesar da vida ter melhorado, muito ainda está por ser transformado.

Isso, aqui pra gente abriu um leque né, abriu um leque porque assim, mesmo a gente não tendo apoio do município que pra gente é importante, mas infelizmente não tem, mas a gente tá lutando pra isso né, mas através de parceiros a gente já conquistou a água que era tão sonhado aqui pela população que como o professor mesmo já visitou a nossa nascente, o pessoal descia, eu mesmo já cansei de ir com minha mãe a gente descia com animal com jumento para lavar roupa para pegar água e agora e o pessoal vai, mas é mais difícil né, vai em minoria porque já tem água em casa, praticamente na porta e também projetos né, que a gente conquistou, parceiros que a gente durante esses dois anos né, a gente conseguiu projeto para mandiocultura que também é muito importante, já estamos com outro aí já aprovado também, então assim abriu uma oportunidade pra gente (Janildo Soares do Nascimento).

Na opinião de Janildo, muitas das melhorias são resultado do reconhecimento da comunidade como quilombola e da ação da Associação Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos (ARQSM). Quando perguntado sobre a relação desse reconhecimento formal com o resgate da história do quilombo, o entrevistado respondeu com convicção:

Assim o que eu achei bem interessante é que além da gente resgatar a nossa história né, resgatar a nossa vida mesmo trazendo agora para nossa realidade a juventude porque muitos criavam-se aí até no meu tempo não queria ir pra escola, não queria saber de estudar às vezes se envolvia em bebida, em droga e essas coisas e agora né a gente tem o evento aqui a gente resgata cultura, a gente tem o nosso evento dia 20 e isso engloba a juventude porque a gente tem o grupo de dança com as meninas, envolve os meninos, tem capoeira pros meninos, [...] então de certa forma ocupou essa juventude né, a gente consegue trazer eles pro nosso lado e estamos trabalhando com eles, falando da importância de preservar nossa história passando de um pro outro e assim, [...] graças a Deus eles estão do nosso lado e a gente tá de certa forma tirando eles de algum caminho errado (Janildo Soares do Nascimento).

Por fim, foi perguntado sobre suas expectativas para o futuro da comunidade e qual sua opinião sobre o registro das memórias para as gerações vindouras:

Meu sonho é ver a nossa comunidade crescer né, para que quando a gente chegar lá na frente numa idade bem boa a gente poder olhar pra traz e ver tudo que foi feito e dizer "Eu fiz parte disso, eu fiz parte dessa história", e não deixar morrer, sempre que a gente puder passando para um, passando para outro pra que essa história... pra que essa história de José dos Santos, a nossa referência, ela seja falada não só agora na nossa comunidade, mas que o nome José dos Santos seja abrangido para nossa descendência pra frente, para que ele seja sempre lembrado aqui na comunidade né, como um patriarca que realmente foi um guerreiro (Janildo Soares do Nascimento).

A partir da análise das transcrições das entrevistas, observa-se que todos os entrevistados têm convicção da importância da preservação das histórias de que são portadores. O registro das narrativas por meio da metodologia da história oral possibilitou a problematização das memórias individuais e coletivas na busca de compreender a experiência social do quilombo na região. Observou-se, pelas falas, haver forte convicção da identidade social como quilombolas e conhecimento das suas origens, reforçando sua inserção no território não por força de uma titulação formal, mas pelo comprovado autorreconhecimento.

Nota-se que os registros citados - enfatize-se que são apenas uma mínima parcela das vastas narrativas registradas em entrevista - reforçam com clareza a importância da preservação da tradição oral por meio de registros materiais, bem como permitem compreender a necessidade de organizar tais registros em acervos adequados, disponíveis e compreensíveis a todos os interessados, especialmente os jovens da própria comunidade que busquem conhecer mais de seus antepassados.

A pesquisa, por meio dos relatos, contribui ainda para o fortalecimento da comunidade no combate ao racismo e incentiva as lideranças a buscar políticas públicas com maior efetividade, conhecendo suas problemáticas mais antigas, enxergando aquelas que ainda persistem e, pela sabedoria dos mais antigos, projetar medidas para garantir que as próximas gerações não tenham que enfrentar as mesmas dificuldades que aqueles sofreram.

A íntegra das entrevistas foi disponibilizada à assessoria da ARQSM para seja publicada em um acervo virtual no site da própria comunidade, que está em fase de construção com previsão de lançamento para o mês de março do corrente ano, juntamente à inauguração de um museu comunitário que levará o nome de seu fundador, José dos Santos, preservando utensílios, símbolos, histórias, memórias e acervos reunidos pelos quilombolas.

Essa experiência aqui relatada oportunizou mútuo aprendizado, de forma multidisciplinar, integrando conceitos trabalhados na Administração Pública, na Gestão Social e na Biblioteconomia, além de diferentes saberes empíricos que perpassam cada entrevista. As análises bibliográficas e documentais também abriram janelas para discussões transversais que subsidiam a compreensão de fenômenos então desconhecidos dos integrantes. Espera-se que sirva de base para que novas pesquisas sejam desenvolvidas nessa seara.

Considera-se, portanto, que a preservação da memória social quilombola é fundamental para manter viva a história e cultura dessas comunidades. Todos nós devemos tomar parte dos esforços para valorizar e preservar tal patrimônio, reconhecendo sua importância e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com as diferentes culturas e tradições.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARQSM (Associação Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos). **Diagnóstico do Quilombo Mulatos da Serra Boca da Mata**. Jardim: ARQSM, 2021.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da Cultura e Políticas Públicas. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, n. 2, p. 73-83, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 15 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 10 fev. 2023.

CNE. (Conselho Nacional de Educação). **Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN82012.pdf?query=ensino%20m%C3%A9dio>. Acesso em: 10 fev. 2023.

DODEBEI, Vera Lúcia; FARIAS, Francisco R. de.; GONDAR, Jô. **Por que memória social?**. Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

FIGUEIREDO, José Nilton de. **A (con) sagração da vida**. Formação das comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe. Crato: Província, 2002.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (Orgs.) **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

GRUNEC (Grupo de Valorização Negra do Cariri); CÁRITAS DIOCESANA DE CRATO. **Caminhos**: mapeamento das comunidades negras e quilombolas do cariri cearense. Crato: Cartilha, 2011.

GUSMÃO, Neusa Maria M. de. **Herança Quilombola**: negros, terras e direitos. In: MOURA, Clóvis. Os quilombos na dinâmica social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

JOSÉ FILHO, M. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: Mário José Filho; Osvaldo Dalbério. (Org.). Desafios da Pesquisa. **UNESP**. Franca, v. 1, p. 63-75, 2006.

MATTOS, Hebe Maria. Políticas de reparação e identidade coletiva no mundo rural: Antônio Nascimento Fernandes e o Quilombo São José. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 37, p. 167-189, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, a. 10, 1002, p. 200-212, 1992.

SILVA, José Márcio da. **Cidade de Jardim**: história ilustrada. Jardim: José Márcio da Silva, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. **Plano de cultura da Universidade Federal do Cariri**. Juazeiro do Norte: PROCULT/UFCA, 2019.

Francisco Wagner Santana Filgueiras

Mestrando em Biblioteconomia (PPGB/UFCA - Linha de pesquisa: Informação, Cultura e Memória). Graduado em Gestão de Recursos Humanos (FAM). Especialista em Gestão Pública (CENES). Especialista em Formação de novos gestores (CENES). Especialista em Gestão da Qualidade (FACUPAR). Especialista em Docência do Ensino Superior (FSG). Graduando em Administração Pública e Gestão Social (UFCA). Graduando em Pedagogia (UNIFATECIE).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6595109037634976>

Priscilla Régis Cunha de Queiroz

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (2008), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Ceará (2011) e doutorado em

História Social pela Universidade Federal Fluminense (2020). É professora adjunta no Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri (UFCA), atuando nos cursos de Graduação e Mestrado.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4506080444921335>

Karine de Araújo Monteiro

Aluna do curso de bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Experiência como bolsista da Pró-Reitoria de Cultura da UFCA atuando no Projeto Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas, tradição oral, memória e patrimônio cultural.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5915569954642608>

Raniele Lima Dos Santos

Aluna do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Em 2022, bolsista da Pró-Reitoria de Cultura da UFCA atuando no Projeto Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas, tradição oral, memória e patrimônio cultural.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3004954345623912>

Artigo recebido em: 28 de fevereiro de 2023.

Artigo aprovado em: 05 de junho de 2023.